FÓRUM

Artigo convidado

Versão traduzida. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250311x

A UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA NO SUL GLOBAL: OPORTUNIDADES E LIMITAÇÕES

The entrepreneurial university in the Global South: Opportunities and constraints

La universidad emprendedora en el sur global: Oportunidades y limitaciones

Charles Kirschbaum[*1] | charlesk1@insper.edu.br | ORCID: 0000-0003-2618-2597
Daniel Paulino Teixeira Lopes[2] | daniel.lopes@cefetmg.br | ORCID: 0000-0001-8928-0245
Kadigia Faccin[3] | kadigia.faccin@fdc.org.br | ORCID: 0000-0003-2804-2328
Gregory P. Pogue[4,5,6] | gpogue@ic2.utexas.edu | ORCID: 0000-0002-4196-8873
Ricardo Reolon Jorge[7] | reolon.ricardo@ufabc.edu.br | ORCID: 0000-0001-7465-9439

[*]Autor correspondente
[1]Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, SP, Brasil
[2]Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Gradução em Administração, Belo Horizonte, MG, Brasil
[3]Fundação Dom Cabral, Nova Lima, Minas Gerais, MG, Brasil
[4]The University of Texas at Austin, Gregory P. Pogue, The IC² Institute, Austin, TX, Estados Unidos da América
[5]The University of Texas at Austin, McCombs School of Business, Austin, TX, Estados Unidos da América
[6]The University of Texas at Austin, Fulbright U.S. Scholar Program, Austin, TX, Estados Unidos da América
[7]Universidade Federal do ABC, Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas, Santo André, SP, Brasil

RESUMO

Este editorial examina a evolução do papel das universidades empreendedoras como catalisadoras do desenvolvimento socioeconômico, em especial na dupla missão de gerar conhecimento acadêmico e promover o impacto social e o crescimento regional. Embora o conceito de universidade empreendedora tenha ganhado destaque globalmente, grande parte da pesquisa acadêmica permanece fragmentada e desproporcionalmente centrada no Norte Global. Diante desse quadro, a presente edição especial explora como universidades em diversos contextos adotam e adaptam estratégias empreendedoras, contribuindo para ecossistemas locais enquanto enfrentam diversos desafios sociopolíticos e econômicos. Por meio de uma análise de coocorrência de palavras-chave empregadas na literatura relevante e nos artigos aceitos e aqui publicados, identificamos temas emergentes e consolidados, destacando áreas que precisam de investigação adicional. O editorial conclui com uma agenda de pesquisa que ressalta a necessidade de abordagens mais sensíveis ao contexto para modelos de universidades empreendedoras.
Palavras-chave: universidade empreendedora, papel das universidades, orientação empreendedora, ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário, Sul Global.

ABSTRACT

This editorial examines the evolving role of entrepreneurial universities as catalysts for socio-economic development, emphasizing their dual mission of generating academic knowledge and fostering social impact and regional growth. While the concept of the entrepreneurial university has gained prominence globally, much of the existing scholarship remains fragmented and disproportionately centered on the Global North. In response, this special issue explores how universities in diverse contexts adopt and adapt entrepreneurial strategies, contributing to local ecosystems while navigating distinct socio-political and economic challenges. By employing a network analysis of keywords from relevant literature and the accepted papers, we identify emergent and consolidated themes, highlighting areas for further inquiry. The editorial concludes with a research agenda that underscores the need for more context-sensitive approaches to entrepreneurial university models.
Keywords: *entrepreneurial university, role of universities, entrepreneurial orientation, university innovation and entrepreneurial ecosystems , Global South.*

RESUMEN

Este editorial examina el papel evolutivo de las universidades emprendedoras como catalizadoras del desarrollo socioeconómico, haciendo hincapié en su doble misión: generar conocimiento académico y fomentar el impacto social y el crecimiento regional. Si bien el concepto de universidad emprendedora ha cobrado relevancia a nivel mundial, gran parte de la investigación existente sigue estando fragmentada y desproporcionadamente centrada en el norte global. En respuesta, esta edición especial explora cómo las universidades en diversos contextos adoptan y adaptan estrategias emprendedoras, contribuyendo a los ecosistemas locales a la vez que enfrentan distintos retos sociopolíticos y económicos. Mediante un análisis de redes de palabras clave de la literatura relevante y de los artículos aceptados, identificamos temas emergentes y consolidados, destacando áreas de investigación futura. El editorial concluye con una agenda de investigación que subraya la necesidad de enfoques más sensibles al contexto de los modelos de universidad emprendedora.
Palabras clave: *universidad emprendedora, rol de las universidades, orientación emprendedora, ecosistemas universitarios de innovación y emprendimiento, sur global.*

INTRODUÇÃO

As universidades empreendedoras (UEs) representam uma evolução significativa das instituições de ensino superior, atuando como importantes catalisadoras para o desenvolvimento econômico nacional e regional, bem como promotoras do crescimento regional ao estimular ecossistemas empreendedores (Audretsch & Belitski, 2022). Elas vão além de seus papéis tradicionais para alavancar seu conhecimento científico por meio de diversos mecanismos comerciais e não comerciais, aumentando o impacto econômico e social (Guerrero, Siegel et al., 2024). Isso inclui enfrentar desafios sociais, econômicos e ambientais (Guerrero, Siegel et al., 2024), apoiar o empreendedorismo, a inovação e a sustentabilidade, e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico, o bem-estar e a capacitação regional por meio do envolvimento com diversas partes interessadas (Guerrero, Fayolle et al., 2024). Em última análise, sua eficácia é considerada crítica para a economia baseada no conhecimento e para os empregos futuros (Guerrero, Siegel et al., 2024).

Propomos que as UEs devem ser vistas não apenas como instituições que alavancam o conhecimento do ponto de vista comercial e social (Audretsch & Belitski, 2022; Guerrero, Fayolle et al., 2024), mas também como atores proativos que detectam oportunidades, assumem riscos, mobilizam recursos e criam valor tanto para o mercado quanto para a sociedade (Alshanty & Emeagwali, 2019; Formica, 2002; Prince et al., 2021). Essas dimensões, embora profundamente enraizadas no comportamento empreendedor, são frequentemente sub-representadas na literatura que aborda as UEs, que tende a se concentrar mais especificamente em estruturas institucionais ou no alinhamento de políticas.

À medida que o modelo de UE é adotado em uma variedade de formas, essas instituições buscam explorar novas atividades e fontes de receita. Esse esforço frequentemente se traduz no fomento do empreendedorismo, da inovação e da sustentabilidade dentro e fora da comunidade universitária, por meio do engajamento cívico. Atualmente, as principais atividades incluem ensino, pesquisa, transferência de tecnologia e engajamento comunitário, visando o desenvolvimento social, econômico e sustentável.

Apesar da popularidade do modelo de UE, a literatura acadêmica a respeito é ainda fragmentada, sendo que várias questões-chave permanecem sem resposta (Guerrero, Fayolle et al., 2024). Embora o modelo esteja ganhando força, ainda não compreendemos inteiramente os fatores que motivam as universidades a implementá-lo ou as mudanças culturais, estruturais e estratégicas internas necessárias para torná-lo eficaz. O impacto a longo prazo, a sustentabilidade e a inclusão desse modelo permanecem objetos de debate, destacando a necessidade de explorar abordagens alternativas e aprofundar a compreensão de como as universidades podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento social e econômico. Abordar essas questões não resolvidas requer um exame mais aprofundado das condições, processos e resultados que moldarão o futuro das UEs. Enquanto muitos dos insights vêm do Norte Global, ou presume-se que os desafios serão os mesmos em outros contextos (Lam et al., 2025), é essencial observar como as universidades adotam estratégias empreendedoras no Sul Global, dadas as distintas condições socioeconômicas e institucionais.

 CC BY

Esta edição especial busca abordar essas lacunas reunindo pesquisas que examinam criticamente a adoção, a adaptação e o impacto do modelo de UE em diversos contextos geográficos, culturais e institucionais. Ao incorporar perspectivas de regiões além do Norte Global, pretendemos ampliar o discurso e desafiar as premissas sobre a universalidade das estruturas existentes. Os artigos publicados exploram como as condições locais moldam a implementação de estratégias empreendedoras, a interação entre estruturas institucionais e necessidades sociais, e como as universidades podem promover o desenvolvimento inclusivo e sustentável, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios políticos e econômicos distintos.

A chamada de artigos (CFP) que deu origem à presente edição foi motivada, em parte, pelas discussões realizadas por painelistas e pesquisadores no 1º Congresso Internacional de Universidades Empreendedoras, realizado em 2023 na Universidade Federal do ABC (UFABC). Além disso, a CFP foi elaborada com base nas discussões no âmbito da Divisão de Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), da Conferência da Triple Helix e de outros fóruns e livros (Amaral et al., 2022; Oliveira et al., 2019; Thomas et al., 2021). Ainda, a chamada foi subsidiada pelo debate acadêmico mais amplo presente em periódicos internacionais de destaque (por exemplo, Technovation, Industry and Innovation e Academy of Management Perspectives). Esses periódicos examinaram criticamente o modelo de UE e seu papel em evolução na sociedade contemporânea.

Para envolver ainda mais potenciais autores, realizamos um workshop de desenvolvimento profissional em fevereiro de 2024, alguns meses antes do prazo final de submissão, reunindo pesquisadores e especialistas do campo abordado nesta edição especial. Após ampla divulgação da CFP, 27 manuscritos foram submetidos e 9 foram aceitos após um rigoroso processo de revisão às cegas.

Para avaliar o estado da arte da pesquisa sobre UEs bem como oferecer uma referência em relação aos estudos que compõem esta publicação, empregamos uma estratégia analítica em várias etapas. Primeiro, identificamos artigos recentes sobre UEs publicados em periódicos de ponta em empreendedorismo, gestão e estratégia. Em segundo lugar, mapeamos temas emergentes na literatura mais ampla observando a coocorrência de palavras-chave de todos os artigos indexados no Scopus com o termo "universidade empreendedora", visualizados através do VOSViewer. O VOSViewer foi selecionado por sua capacidade de mapear e visualizar efetivamente conexões temáticas em grandes conjuntos de dados, permitindo a identificação de temas emergentes e consolidados na literatura. Por fim, examinamos o alinhamento entre esses temas e aqueles abordados pelos artigos aceitos, aprofundando o exame da rede de palavras-chave desta edição especial. Essa abordagem não apenas destaca padrões temáticos, mas também informa a agenda de pesquisa que propomos na conclusão deste editorial.

Temas Emergentes baseados na literatura recente sobre Universidades Empreendedoras

Com base em artigos recentes sobre Universidades Empreendedoras (UEs) publicados em periódicos de destaque nas áreas de empreendedorismo, gestão e estratégia, identificamos

 CC BY

um conjunto de temas emergentes recorrentes na literatura contemporânea que refletem preocupações da comunidade acadêmica e apresentam uma perspectiva estruturada para interpretar as contribuições apresentadas nesta edição.

Tema 1: Mudança no papel das universidades

Tradicionalmente, as universidades aderiram ao modelo de Humboldt, enfatizando a liberdade e a independência acadêmicas (Audretsch & Belitski, 2022). No entanto, conceber a relação entre universidade e sociedade como limitada à transferência de tecnologia revelou as limitações do modelo tradicional, o que pede novos arcabouços teóricos para abordar as dinâmicas emergentes (Guerrero, Siegel et al., 2024). As expectativas em relação às universidades também evoluíram, com crescente pressão para ir além da disseminação de conhecimento e da comercialização de pesquisas para a indústria e o público (Audretsch & Belitski, 2022). Espera-se também que as universidades desempenhem um papel inclusivo nos ecossistemas empreendedores (Thomas et al., 2021), com foco particular em comunidades minoritárias e sub-representadas (O'Brien et al., 2019).

Atualmente, há uma expectativa recorrente de que as universidades atuem como catalisadoras do desenvolvimento econômico nacional e regional, conciliando objetivos estratégicos divergentes associados a uma variedade de stakeholders internos e externos.

Tema 2: Orientação empreendedora (OE)

A OE abrange os processos estratégicos empregados pelos principais tomadores de decisão para promover a missão de uma universidade e sustentar sua visão (Balasubramanian et al., 2020). Uma visão mais granular da OE enfatiza comportamentos empreendedores essenciais, como estar atento a oportunidades, correr riscos e criar valor. A atenção às oportunidades diz respeito a uma análise proativa do mercado e das necessidades da sociedade, o que é uma capacidade que as universidades podem desenvolver por meio do engajamento das partes interessadas e da colaboração interdisciplinar (Aldawod, 2022; Secundo et al., 2017). Quanto a correr riscos, trata-se de um comportamento que envolve flexibilidade estrutural e prontidão cultural para buscar empreendimentos inovadores e incertos, muitas vezes em desacordo com a tradicional aversão ao risco observada no meio acadêmico (Hommel & King, 2013; Khorshid & Mehdiabadi, 2021). Por fim, as universidades devem ser vistas como criadoras de valor, não apenas em termos econômicos, mas por meio de um engajamento social mais amplo, fomentando a inovação mesmo em disciplinas fora das áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) (Madichie & Gbadamosi, 2017).

A OE demonstrou impactar positivamente as principais métricas de desempenho em relação ao empreendedorismo, como a comercialização de patentes. Para que as universidades implementem essa orientação de forma eficaz, a liderança deve ser empreendedora, inovadora, sustentável, ágil e ambidestra, equilibrando as atividades de exploração e otimização. Isso

 CC BY

requer uma revisão abrangente da cultura organizacional, das estruturas de governança e das capacidades dinâmicas, integrando tecnologias emergentes (Guerrero, Fayolle et al., 2024).

Mais especificamente, a adoção da OE pode levar as universidades a revisar uma série de características internas específicas. Por exemplo, podemos encontrar uma preocupação renovada com a "educação empreendedora" (Crişan et al., 2024), adaptando assim as práticas de ensino por meio de metodologias ativas, como a aprendizagem experiencial (por exemplo, Motta & Galina, 2023). Sobre essa questão, Lopes (2017) apresenta diversas abordagens, técnicas e resultados observados em instituições brasileiras.

Outro exemplo é a relação entre pesquisa e inovação, o que requer mais transparência para comunicar eficazmente invenções e resultados de pesquisa à sociedade (Balasubramanian et al., 2020).

No entanto, adotar uma abordagem empreendedora requer mudanças culturais, de governança e administrativas significativas (Balasubramanian et al., 2020). Existe já um consenso de que as universidades precisam reduzir a burocracia (Guerrero, Siegel et al., 2024), mas esse tipo de transformação pode encontrar resistência devido à inércia estrutural e cultural (Coussi et al., 2025; Schwarz, 2012; Zárate et al., 2019). Trata-se de um desafio particularmente difícil em universidades públicas, onde barreiras institucionais como inflexibilidade orçamentária, trajetórias de carreira rígidas para os docentes e processos decisórios hierárquicos inibem a inovação. A questão então é: como a governança pode ser redesenhada para permitir descentralização, agilidade e inovação?

De qualquer maneira, o apelo para um comportamento empreendedor não deve implicar uma abordagem única para todos (Ribeiro et al., 2025), já que requisitos e restrições institucionais podem ser traduzidos em diferentes práticas, dependendo da identidade organizacional da universidade (Glynn, 2017).

Tema 3: Ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário (EIEUs)

Universidades Empreendedoras (UEs) desempenham um papel crucial nos ecossistemas de empreendedorismo, inovação e conhecimento. No entanto, uma compreensão mais aprofundada de suas conexões e impacto social ainda é necessária (Guerrero, Fayolle et al., 2024). Mesmo com exemplos relevantes como a integração de Stanford ao Vale do Silício ilustrando o potencial de tais modelos (Saxenian, 1996), replicar a trajetória de Stanford em outros contextos é algo irrealista ou mesmo indesejável (Meek & Gianiodis, 2023). Em vez disso, para que as UEs contribuam efetivamente para ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário (EIEUs), as instituições devem atender às necessidades locais, acessar os recursos necessários, alcançar a excelência acadêmica e gerenciar habilmente os diversos relacionamentos com as partes interessadas (Casper & West, 2024).

Evidências empíricas sugerem que os EIEUs podem seguir trajetórias alternativas. Em alguns casos, esses ecossistemas são inicialmente liderados por empreendedores, com as universidades evoluindo gradualmente de provedoras de capital humano para polos de

 CC BY

transferência de tecnologia e, eventualmente, estabelecendo centros de empreendedorismo para fomentar e sustentar esse comportamento entre alunos e docentes. No entanto, é possível que, em outros contextos, a inovação e o empreendedorismo possam ter origem na própria universidade, ou seja, a própria universidade atua como um ecossistema de educação empreendedora (Brush, 2014).

Não existe um caminho único ou estrutura dominante para os EIEUs; eles podem ser centralizados ou descentralizados, dependendo de fatores contextuais (Guerrero, Siegel et al., 2024). Ao estudar essas trajetórias alternativas, os acadêmicos podem explorar como as universidades podem evoluir de papéis puramente técnicos para funções mais engajadas política e institucionalmente, contribuindo para o desenvolvimento do capital social e da governança interorganizacional (Thomas et al., 2021).

Análise de redes da revisão sistemática da literatura

Realizamos uma análise de rede para examinar os principais temas associados ao conceito de universidade empreendedora (UE), conforme refletido na literatura acadêmica (Marzi et al., 2025). A coleta de dados foi baseada na base de dados Scopus, com foco em artigos revisados por pares publicados em inglês entre 2000 e 2025, nas áreas de negócios, gestão e contabilidade. Aplicamos diversos filtros para garantir a relevância: restringindo a busca a artigos acadêmicos escritos em inglês, incluindo apenas aqueles em fase final de publicação ou classificados como artigos no prelo, e focando exclusivamente em artigos que utilizavam o termo "entrepreneurial university" (universidade empreendedora) no título, resumo ou palavras-chave. Essa abordagem nos permitiu compilar um conjunto de dados específico de 1.386 artigos relevantes que discutiam UE a partir da perspectiva de áreas relacionadas a negócios.

A partir desse conjunto de dados, identificamos e extraímos palavras-chave, definindo um limite mínimo de ocorrência de 15 para focar nos temas mais relevantes, obtendo um total de 43 temas distintos. Em seguida, foi construída uma rede em que os nós representavam palavras-chave e as arestas indicavam o número de artigos que compartilhavam essas palavras-chave, capturando efetivamente as interconexões temáticas. Para evitar um gráfico complexo, excluímos a palavra-chave "*entrepreneural university*" (universidade empreendedora), já que ela estava presente em quase todos os artigos coletados. O VOSviewer foi utilizado para visualizar a rede, com os mapas resultantes destacando tanto a relevância das palavras-chave quanto as tendências temporais (Eck & Waltman, 2010). Na Figura 1, cores mais claras indicam maior intensidade de citação, refletindo a proeminência de certos temas ao longo do tempo. A Figura 2 apresenta uma visão consolidada da estrutura temática, com cores mais escuras representando temas mais consolidados na literatura sobre UE.

Figura 1. Relevância das palavras-chave e intensidade da conexão

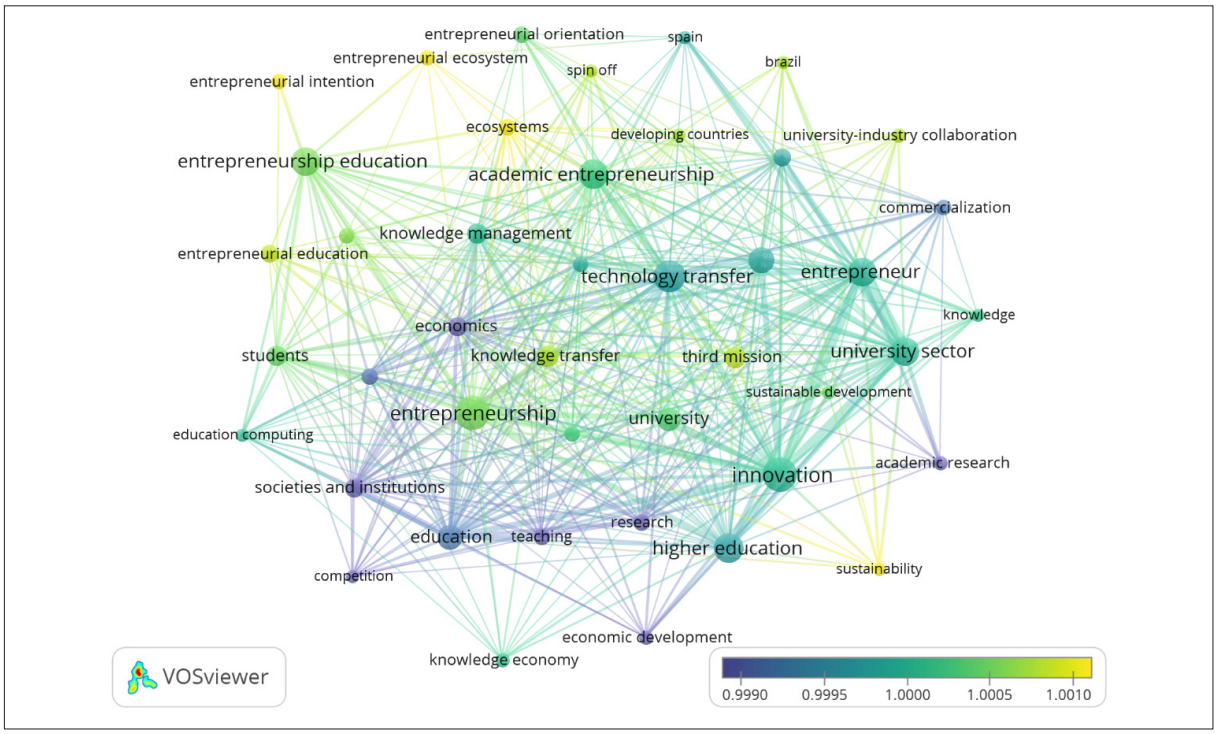
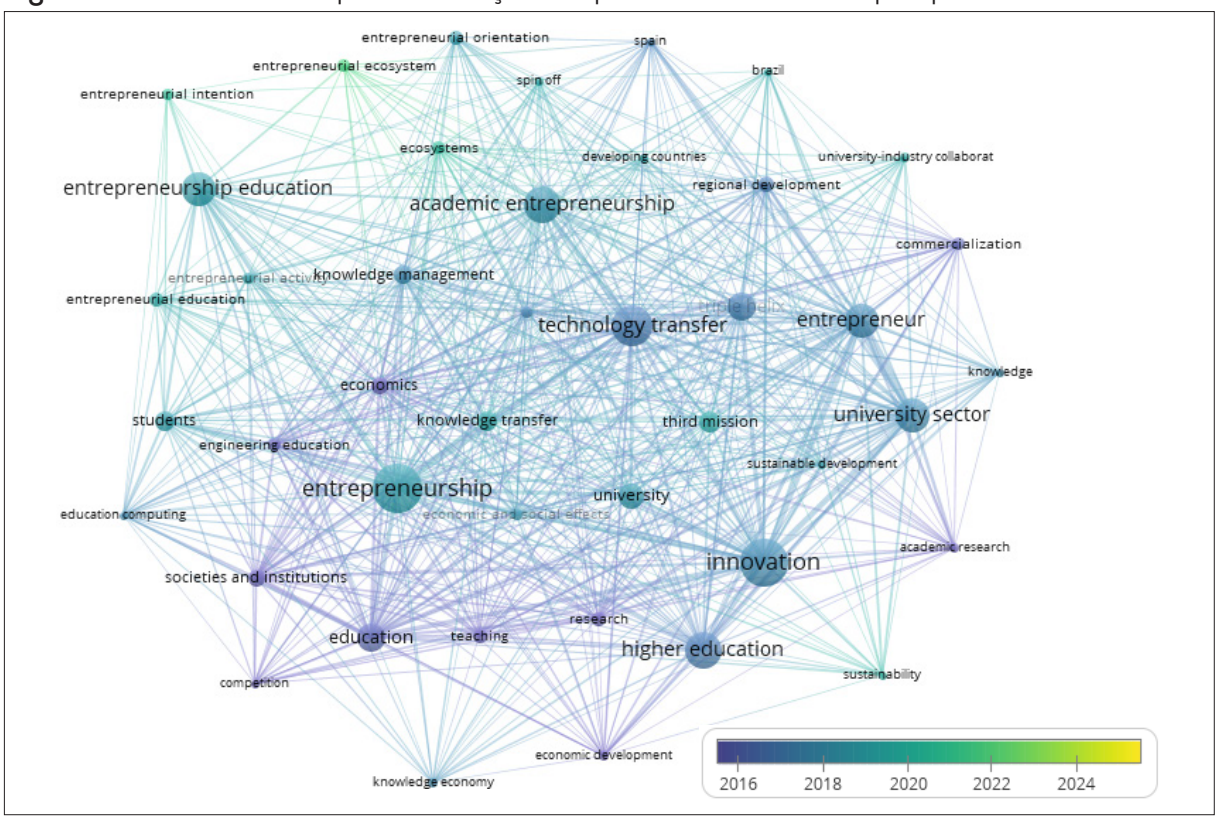


Figura 2. Palavras-chave por distribuição temporal da atividade de pesquisa



CC BY

A análise de temas em artigos que citam o conceito de UE revela padrões distintos na coocorrência de palavras-chave, permitindo-nos identificar temas caracterizados tanto pela intensidade quanto pela emergência temporal. Os resultados indicam que alguns temas emergentes também demonstram alta intensidade, sugerindo crescente interesse e relevância nas discussões acadêmicas contemporâneas. Ecossistema empreendedor, intenção empreendedora e sustentabilidade merecem destaque nessa tendência.

Por outro lado, outros temas mostram-se como de alta intensidade e consolidação ao longo do tempo, apontando para áreas de foco estabelecidas na literatura. Exemplos incluem Brasil, Espanha, países em desenvolvimento, ecossistemas, empreendedorismo, educação empreendedora, spin-offs e colaboração universidade-indústria.

Como os artigos desta edição especial abordam esses temas

Tema 1: Mudança no papel das universidades

Como visto acima, espera-se cada vez mais que as universidades vão além da pesquisa e do ensino acadêmico, estendendo seu papel a um engajamento social mais amplo e ao desenvolvimento econômico. Essa mudança, frequentemente enquadrada como a "terceira missão", reflete um afastamento do modelo tradicional de Humboldt em direção a modelos mais empreendedores.

Fedato et al. (2025) enfatizam que, no Brasil, essa transformação está sendo ativamente moldada por políticas governamentais, como a Lei do Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação, que determina a criação dos Núcleos de Inovação Tecnológica para fomentar o engajamento do setor produtivo. Na mesma linha, Kaniak et al. (2025) identificam que essas mudanças na legislação em 2016 intensificaram ainda mais as expectativas depositadas nas universidades, enfatizando seu papel como agentes-chave no desenvolvimento econômico e social.

Apesar dessa mudança em direção a expectativas mais elevadas em relação às universidades, não devemos presumir que elas serão capazes de lidar com tais expectativas. Por exemplo, Luan et al. (2025) mostram que, em contextos como o do Vietnã, barreiras institucionais arraigadas impedem essa transição. O legado de um sistema educacional de estilo soviético, com suas estruturas disciplinares e integração interdisciplinar limitada, representa desafios consideráveis para as universidades que buscam se alinhar às agendas nacionais de desenvolvimento. Essa rigidez interna é intensificada pela falta de recursos para pesquisa, comercialização de patentes e colaboração interdepartamental, levantando questões críticas sobre como as universidades podem responder efetivamente às expectativas em evolução.

Tema 2: Orientação empreendedora (OE)

Como visto anteriormente, a implementação da OE nas universidades exige repensar a cultura organizacional, a governança e os processos de tomada de decisão para promover agilidade e inovação. No entanto, como demonstrado por Kaniak et al. (2025), alcançar essa mudança é

 CC BY

particularmente desafiador em universidades públicas, onde a resistência à comercialização é frequentemente enquadrada como uma defesa da autonomia acadêmica. Kaniak et al. (2025) sugerem que os gestores universitários são cruciais para sustentar a liderança e promover a mudança interna. Essa tensão ressalta a necessidade de descentralização, mas as estruturas institucionais existentes frequentemente inibem tais esforços.

Apesar da retórica generalizada sobre a "terceira missão", muitas universidades ainda lutam para incorporar esses princípios em suas missões, tornando o realinhamento das atividades principais um desafio constante (Fedato et al., 2025). Além disso, alinhar os critérios de avaliação do corpo docente para incentivar o empreendedorismo e o engajamento social continua sendo uma área crítica, porém pouco desenvolvida, visto que a inércia estrutural e cultural persiste (Gaffaro e Naranjo, 2025).

Tema 3: Ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário (EIEUs)

Como visto anteriormente, as universidades são fundamentais na formação de ecossistemas empreendedores, inovadores e de conhecimento, porém seus papéis e trajetórias específicos dentro desses ecossistemas variam amplamente. Buarque et al. (2025) destacam que os ecossistemas empreendedores podem se desenvolver por diferentes caminhos, começando pelo capital humano e pelo empreendedorismo intensivo em conhecimento. As universidades são importantes para os ecossistemas, pois promovem intenções empreendedoras entre os estudantes, apoiam spin-offs de empreendedorismo acadêmico e desempenham o papel de polos de capital social, fomentando a conexão entre os atores do ecossistema.

No entanto, Aquino et al. (2025) demostram que, para contribuir efetivamente para os EIEUs, as universidades devem promover a interdependência cognitiva entre os atores, levando a um maior reconhecimento de oportunidades e aprendizado compartilhado. Da mesma forma, a integração da educação empreendedora ao ecossistema mais amplo é crucial, pois cultiva uma predisposição positiva para o empreendedorismo e alinha o conteúdo educacional com diferentes níveis de intenção empreendedora (Melchor-Duran et al., 2025) e tipos de empreendedorismo, como o intraempreendedorismo (Vedana & Andreassi, 2025). Conexões eficazes entre universidades e seus ecossistemas proporcionam aos discentes e docentes uma rede de apoio, com empreendedores, investidores, mentores e especialistas do setor.

Por fim, embora a colaboração universidade-indústria (UI) seja frequentemente enquadrada em redes de inovação, algumas evidências sugerem que os canais de transferência de conhecimento podem ser mais eficazes para promover a colaboração de longo prazo e sustentar ecossistemas empreendedores (Mikhailov et al., 2025).

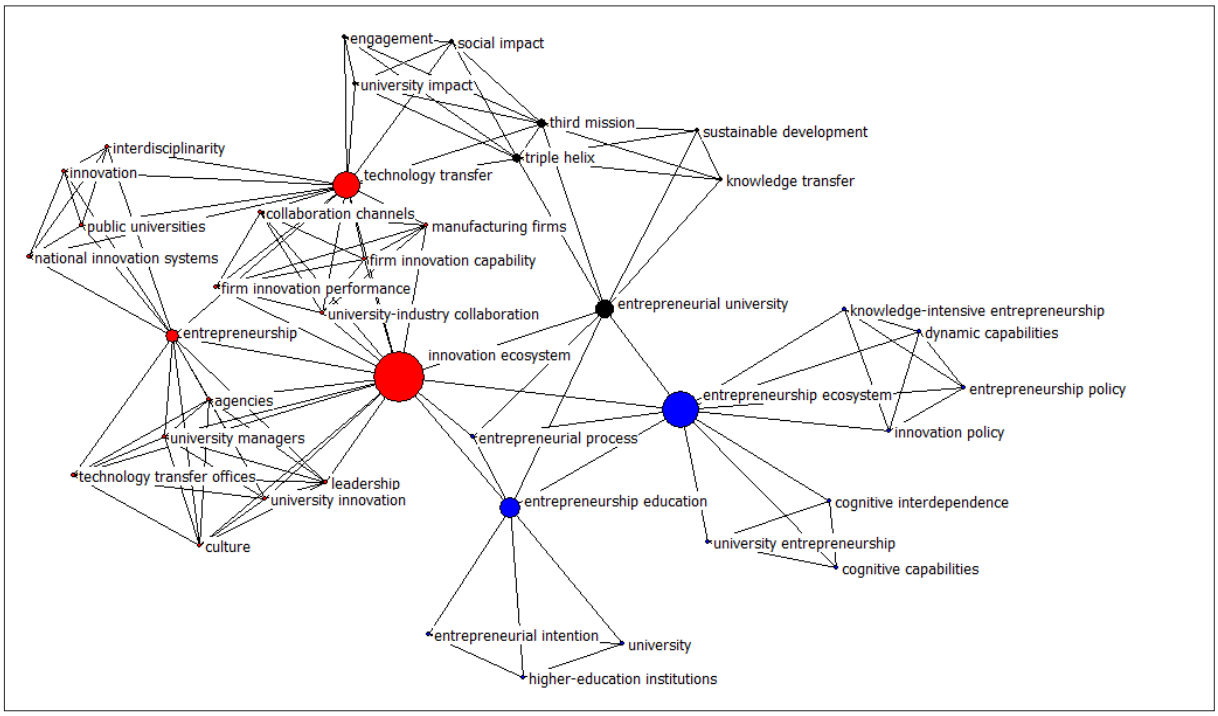
Conectando perspectivas do Sul Global nesta edição especial

Construímos uma rede de palavras-chave com base nas palavras extraídas dos artigos selecionados, onde as arestas representam coocorrências entre os artigos (ver Figura 3). Para identificar clusters

 CC BY

significativos dentro da rede, aplicamos o algoritmo de Girvan-Newman (Girvan & Newman, 2002). Selecionamos uma partição em três clusters para alinhar esses grupos com as categorias temáticas identificadas em nossa análise acima. Na visualização, o tamanho de cada nó corresponde à sua centralidade de intermediação, que serve como um proxy para a intermediação global. Embora essa centralidade não seja tradicionalmente usada em redes semânticas dada a interpretação ambígua dos caminhos mais curtos neste contexto, ela se mostra valiosa aqui para destacar palavras-chave que atuam como pontes conectando os clusters.

Figura 3. Rede de palavras-chave dos artigos aceitos



A análise revela que o cluster vermelho é o maior e mais coeso grupo de palavras-chave dentro da rede. Este cluster alinha-se vagamente com o tema orientação empreendedora (Tema 2), com foco predominante em recursos e dinâmicas internas no contexto universitário. Os principais tópicos dentro deste cluster incluem gestores universitários, cultura, liderança, escritórios de transferência de tecnologia e colaboração universidade-indústria. Com base na análise obtida com a visualização do VOSViewer, essa última é caracterizada por alta intensidade e consolidação.

Além disso, o cluster abrange discussões sobre capacidades de inovação de universidades e de empresas, canais de colaboração e interações interdisciplinares, referindo-se principalmente ao diálogo intrauniversitário. A proeminência e a coesão deste cluster sugerem que a atenção acadêmica é predominantemente direcionada para aspectos internos da universidade, com as interfaces externas sendo enquadradas em grande parte pela perspectiva dos gestores universitários.

Palavras-chave relevantes dentro desse cluster incluem "*technology transfer*" (transferência de tecnologia), que exibe um alto grau de centralidade, mas moderada intermediação, e

 CC BY

"*innovation ecosystem*" (ecossistema de inovação), que se destaca por sua alta centralidade de intermediação. Ambos os termos atuam como nós transversais, conectando o discurso centrado na universidade com temas contextuais mais amplos, enfatizando a interface entre a universidade e seu ecossistema circundante.

O cluster de cor preta na rede de palavras-chave pode ser amplamente interpretado como representando o tema 1 (mudanças no papel das universidades). Dentro desse tema, subtemas proeminentes incluem *third mission* (terceira missão) e a *triple helix* (tríplice hélice), ambos enfatizando as funções sociais em evolução das universidades para além do ensino e da pesquisa tradicionais. Além disso, o tema *social impact* (impacto social) surge como um foco principal, juntamente com o tema *sustainability* (sustentabilidade), que, após nossa análise do VOSViewer, foi identificado como um tema emergente e de alta intensidade.

Vale observar que esse cluster não contém nenhum nó particularmente grande em termos de intermediação, indicando a ausência de uma palavra-chave dominante que sirva como relevante elemento de ligação entre esse cluster e outros grupos de palavras-chave. No entanto, a palavra-chave *entrepreneurial university* (universidade empreendedora) desempenha um papel interessante como um nó fronteiriço, ligando o cluster preto a outros clusters. Essa função de mediação entre fronteiras é um tanto inesperada, visto que normalmente outros temas dentro desse cluster, como impacto social ou sustentabilidade, teriam conexões mais diretas com palavras-chave em outros clusters temáticos.

O cluster azul corresponde amplamente ao tema 3, ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário (EIEUs). Dentro desse cluster, o termo *entrepreneurship ecosystem* (ecossistema empreendedor) se destaca, exibindo alta centralidade de intermediação e atuando como um nó-chave de mediação entre fronteiras que se conecta a outros clusters. Conforme destacado pela análise do VOSviewer, esse tema tem alta intensidade e é emergente.

Vale a pena notar que há uma forte ênfase no comportamento individual dentro desse cluster, com especial atenção a conceitos-chave como *cognitive interdependency* (interdependência cognitiva) e *cognitive capabilities* (capacidades cognitivas). O tema *entrepreneurial intention* (intenção empreendedora) também surge aqui, caracterizado por alta intensidade e classificado como um novo tema de acordo com os resultados do VOSviewer. Esse cluster contrasta com o cluster vermelho, que se concentra mais na transferência de tecnologia — tradicionalmente entendida como a troca de ativos tangíveis, como patentes. Em contraste, o cluster azul dá maior ênfase à transferência de conhecimento (com o termo *knowledge transfer*), envolvendo a troca de ideias e a colaboração em esforços conjuntos de pesquisa.

Curiosamente, *entrepreneurship education* (educação empreendedora) surge nesse cluster juntamente com a intenção empreendedora. Como visto anteriormente na análise do VOSViewer, esse tema apresenta alta intensidade e uma posição consolidada, e como observado na análise das contribuições individuais dos artigos, a educação empreendedora é considerada crucial para a integração nas atividades dos atores do ecossistema. Por outro lado, no tema orientação empreendedora (OE), a educação e a intenção empreendedoras parecem ser menos proeminentes. Isso pode ocorrer porque, nas discussões sobre OE, o foco tende a ser

 CC BY

nas universidades como organizações em si, independentemente de serem percebidas apenas como provedoras de capital humano e tecnologia ou como apoiadoras ou provedoras diretas de empreendedores.

AGENDA DE PESQUISA

Com base nos fundamentos teóricos descritos acima, surgem diversas vias de pesquisa críticas para avançar nossa compreensão das universidades empreendedoras (UEs) e seus papéis em evolução na sociedade. A Tabela 1 organiza as questões de pesquisa de acordo com as perspectivas micro, meso, macro e interníveis (linhas) e quatro áreas temáticas de investigação.

No centro desta agenda está a análise de como as universidades atuam como tradutoras de expectativas externas, frequentemente articuladas por meio de políticas públicas e demandas sociais (Tema 1), em orientações estratégicas internas (ou seja, orientação empreendedora – OE) (Tema 2). Estudos futuros podem investigar como essas expectativas são interpretadas e operacionalizadas pelas universidades, esclarecendo os mecanismos que possibilitam ou dificultam esse processo de tradução (Zilber, 2006).

Um desafio fundamental reside em compreender como as UEs respondem a novas demandas (Tema 1) e, ao mesmo tempo, superam a inércia estrutural e cultural arraigada que pode resistir à mudança (Tema 2), conforme discutido por Luan et al. (2025) e Kaniak et al. (2025). Mais estudos são necessários para explorar se expectativas não atendidas levam ao desacoplamento, onde os compromissos formais divergem das práticas reais, ou se as universidades encontram caminhos alternativos para se adaptar e evoluir (Bromley & Powell, 2012).

O engajamento de stakeholders internos e externos representa outra dimensão importante para investigação (Guerrero, Fayolle et al., 2024; Lazzarini, 2025) leading to a proposed "new stakeholder theory" (NST. Diferentes agentes dentro das universidades podem perceber configurações heterogêneas dos ecossistemas empreendedores (Fischer et al., 2024) com os quais interagem. As universidades podem precisar realinhar suas principais atividades e estratégias (Tema 2) para promover colaborações significativas com stakeholders dentro de ecossistemas de empreendedorismo, inovação e conhecimento (ecossistemas de inovação e empreendedorismo universitário – EIEUs, Tema 3), tendo esses stakeholders a possibilidade de moldar os resultados de desenvolvimento nacional e regional (Tema 4). Da mesma forma, a pesquisa deve examinar a influência de UEs nas capacidades e comportamentos empreendedores de outras organizações (Guerrero, Siegel et al., 2024). Por fim, o modelo empreendedor pode colidir com os princípios tradicionais de liberdade acadêmica, levantando a necessidade de novas estruturas de governança que equilibrem os objetivos institucionais com a autonomia do corpo docente no ensino e na pesquisa.

É importante ressaltar que essa agenda exige uma perspectiva crítica em todos os temas. Embora o modelo de UEs aspire a promover o desenvolvimento econômico e social, os pesquisadores devem avaliar rigorosamente sua implementação e impactos reais, especialmente no que diz respeito à inclusão e à equidade. Pode ser desafiador avaliar o impacto de uma

 CC BY

universidade empreendedora no desempenho de startups, PMEs ou cooperativas locais. Além disso, há uma preocupação crescente de que o modelo beneficie desproporcionalmente instituições de elite, potencialmente exacerbando as desigualdades e desviando recursos de universidades menos favorecidas (Vedana & Andreassi, 2025). Por exemplo, poucos escritórios de transferência de tecnologia alcançam a sustentabilidade financeira, levantando questões sobre a replicabilidade e a relação custo-eficácia mais amplas do modelo (Meek & Gianiodis, 2023).

Além disso, a adoção generalizada do modelo de UEs é frequentemente impulsionada por pressões miméticas da teoria institucional, que nem sempre se alinham às necessidades ou contextos locais (DiMaggio & Powell, 1983). Isso tem implicações para os tipos de oportunidades empreendedoras que alunos e professores buscam, sejam inovações voltadas para desafios sociais urgentes (como vacinas) ou produtos mais comercialmente orientados (como aplicativos). Portanto, pesquisas podem explorar como as universidades conseguem estabelecer-se como UEs mais equitativos e sustentáveis (Meek & Gianiodis, 2023), avaliando criticamente suas contribuições para o bem-estar social além das métricas econômicas (Tema 4). Isso é ainda mais importante quando se consideram as consequências das novas tecnologias digitais, como a inteligência artificial, que já vêm impactando as práticas educacionais e podem influenciar o desenvolvimento dos EIEUs.

Futuras pesquisas também requerem um reequilíbrio da OE para considerar como o valor é gerado e capturado dentro dos ecossistemas universitários (Tema 2), juntamente com investigações sobre como as universidades gerenciam as expectativas (Tema 1) e o engajamento das partes interessadas (Tema 3) em diversos contextos institucionais e culturais.

Tabela 1. Uma Agenda de pesquisa para compreender universidades por entre diferentes níveis de análise

Nível de análise	1. Universidades como tradutoras de expectativas externas	2. Respostas das UEs a novas demandas	3. Engajamento de stakeholders internos e externos	4. Lente crítica em todos os temas
Micro (Individual/ Grupal)	• Quais papéis a liderança intermediária (por exemplo, pró-reitores) desempenham na tradução de expectativas em práticas institucionais? • Quais atores devem desempenhar esse papel? • Como as disciplinas acadêmicas (STEM vs. não STEM) moldam a tradução?	• Quando a cultura organizacional atua como uma barreira/ catalisador para a OE?	• Como os agentes das universidades percebem as configurações heterogêneas dos ecossistemas empreendedores nos quais interagem?	• Como os docentes e discentes equilibram a liberdade acadêmica com as demandas empreendedoras?

Continua

Tabela 1. Uma Agenda de pesquisa para compreender universidades por entre diferentes níveis de análise

Conclusão

Nível de análise	1. Universidades como tradutoras de expectativas externas	2. Respostas das UEs a novas demandas	3. Engajamento de stakeholders internos e externos	4. Lente crítica em todos os temas
Meso (Organizacional)	• Como os tipos de universidade (públicas/privadas) internalizam políticas voltadas ao fomento do empreendedorismo? • Todas as áreas acadêmicas exigem as mesmas práticas? • Como os conflitos entre as expectativas externas e a identidade acadêmica da instituição são resolvidos?	• Quais indicadores podem ser usados para identificar a dissociação entre discurso e prática nas universidades? • Em que medida os modelos híbridos de governança universitária (por exemplo, conselhos com membros externos) ajudam a reduzir essa resistência?	• Como as universidades priorizam com quais stakeholders se engajar em ambientes com recursos limitados? • Quais mecanismos promovem o alinhamento de valores entre universidades e parceiros externos?	• Como as universidades podem estabelecer um modelo de UE mais equitativo e sustentável? • Como as universidades podem gerenciar as expectativas e o engajamento dos stakeholders em diversos contextos institucionais e culturais? • Como o valor pode ser gerado e capturado dentro dos EIEUs? • Como a atividade empreendedora pode ser reconhecida além da transferência de tecnologia e da criação de startups?
Macro (Ecossistema/ Institucional)	• Como as políticas e os cenários nacionais/regionais moldam a tradução?	• Como as expectativas não atendidas levam à dissociação ou à adaptação?	• Como os stakeholders, nos ecossistemas, moldam os resultados do desenvolvimento regional/nacional?	• O modelo da UE exacerba as desigualdades entre instituições de elite/não elite?
Internível	• Existe um limite para a adaptabilidade das universidades em resposta às demandas externas? • Quando o engajamento com as demandas externas se transforma em submissão?	• Como as universidades realinham suas atividades e estratégias principais para promover colaborações com stakeholders nos ecossistemas de empreendedorismo, inovação e conhecimento?	• Como a colaboração interdisciplinar, a inovação social e a troca de conhecimento podem ser alcançadas para promover inovações não tecnológicas?	• Como o impacto de uma UE no desempenho de startups, PMEs ou cooperativas locais pode ser avaliado? • Como a Inteligência Artificial impacta o desenvolvimento dos EIEUs?

Ao abordar essas questões interconectadas, pesquisas futuras aprofundarão nossa compreensão das complexidades enfrentadas pelas UEs e apoiarão o desenvolvimento de modelos inclusivos, sensíveis ao contexto e socialmente impactantes. Deverão também abordar o que significa ser "empreendedor" em contextos onde inovação não é sinônimo de tecnologia. Em muitos contextos institucionais e regionais, particularmente fora das áreas STEM, a inovação pode assumir a forma de novas práticas sociais, abordagens pedagógicas, produções culturais ou soluções voltadas para a comunidade, em vez de produtos tecnológicos ou patentes. Ser uma UE nesses contextos pode envolver o fomento da colaboração interdisciplinar, o apoio à inovação social e a possibilidade de troca de conhecimento com atores locais. Isso levanta

questões importantes sobre como definimos e reconhecemos a atividade empreendedora além das métricas tradicionais de transferência de tecnologia e criação de startups.

Também defendemos a aproximação entre as perspectivas acadêmicas e profissionais ao conceituar UEs. Com muita frequência, as abordagens acadêmicas da UE negligenciam dinâmicas empreendedoras essenciais, tais como aproveitar oportunidades ou correr riscos, que os profissionais consideram centrais (Guo & Jiang, 2020; Westhuizen, 2023). Pesquisas futuras podem explorar como as universidades conseguem equilibrar estruturas acadêmicas com modelos práticos de empreendedorismo.

REFERÊNCIAS

Aldawod, A. (2022). A framework for the opportunity recognition process in UK entrepreneurial universities. *Technological Forecasting and Social Change*, *175*, 121386. https://doi.org/10.1016/j.techfore.2021.121386

Alshanty, A. M., & Emeagwali, O. L. (2019). Market-sensing capability, knowledge creation and innovation: The moderating role of entrepreneurial-orientation. Journal of Innovation & Knowledge, 4(3), 171-178. https://doi.org/10.1016/j.jik.2019.02.002

Amaral, M. G., Mineiro, A. A. C., & Faria, A. F. (2022). *As hélices da inovação: Interação universidade-empresa-governo-sociedade no Brasil* (Coleção As Hélices da Inovação, Vol. 1). Editora CRV.

Aquino, T. M. de, Mazzoni, J. F. R., & Azenha, G. O. (2025). The development of capabilities through cognitive interdependence in entrepreneurial ecosystems. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0172. https://doi.org/10.1590/S0034-759020250306

Audretsch, D. B., & Belitski, M. (2022). A strategic alignment framework for the entrepreneurial university. *Industry and Innovation*, *29*(2), 285-309. https://doi.org/10.1080/13662716.2021.1941799

Balasubramanian, S., Yang, Y., & Tello, S. (2020). Does university entrepreneurial orientation matter? Evidence from university performance. *Strategic Entrepreneurship Journal*, *14*(4), 661-682. https://doi.org/10.1002/sej.1341

Bromley, P., & Powell, W. W. (2012). From smoke and mirrors to walking the talk: Decoupling in the contemporary world. *The Academy of Management Annals*, *6*(1), 483-530. https://doi.org/10.5465/19416520.2012.684462

Brush, C. G. (2014). Exploring the concept of an entrepreneurship education ecosystem. In S. Hoskinson & D. F. Kuratko (Eds.), *Advances in the study of entrepreneurship, innovation & economic growth* (Vol. 24, pp. 25-39). Emerald Group Publishing Limited.

Buarque, B., Câmara, S. F., Oukes, T., Lopes Júnior, E. P. (2025). Dynamics of entrepreneurial ecosystem in Brazil and the Netherlands: The role of universities to foster ecosystems and KIE firms in the Global South. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0177. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250309

Casper, S., & West, J. (2024). University innovation and the emergence of four California entrepreneurial ecosystems. *Academy of Management Perspectives*, *38*(4), 453-472. https://doi.org/10.5465/amp.2023.0058

Coussi, O., Faccin, K., Martins, B. W., & Mawadia, A. (2025). Entrepreneurial orientation in joint projects during the COVID-19 crisis: A fuzzy-set QCA approach for Brazilian cases. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, *55*(2), 226-254. https://doi.org/10.1504/IJESB.2025.145875

Crişan, E. L., Beleiu, I. N., Salanţă, I.-I., Bordean, O. N., & Bunduchi, R. (2024). Embedding entrepreneurship education in non-business courses: A systematic review and guidelines for practice. *Management Learning*, *55*(4), 553-575. https://doi.org/10.1177/13505076231169594

DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1983). The iron cage revisited: Institutional isomorphism and collective rationality. *American Sociological Review*, *48*, 147-160. https://doi.org/10.2307/2095101

Eck, N. Van, & Waltman, L. (2010). Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. *Scientometrics*, *84*(2), 523-538. https://doi.org/10.1007/s11192-009-0146-3

Fedato, G. A. de L., Pires, V. M., & Bresciani, S. A. T. (2025). Social impact and mission of brazilian public universities: Is there alignment?. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0202. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250304x

Fischer, B. B., Alves, A. C., Vonortas, N. S., & Brown, R. (2024). Foundations of entrepreneurial ecosystems configurations. *The Journal of Technology Transfer*. Advance online publication https://doi.org/10.1007/s10961-024-10147-w

Formica, P. (2002). Entrepreneurial universities: The value of education in encouraging entrepreneurship. *Industry and Higher Education*, *16*(3), 167-175. https://doi.org/10.5367/000000002101296261

Gaffaro, A. J., & Naranjo, Y. (2025). The third mission of universities towards knowledge transfer, innovation, entrepreneurship, and sustainable development: A systematic literature review. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0218. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250301x

Girvan, M., & Newman, M. E. J. (2002). Community structure in social and biological networks. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *99*(12), 7821. https://doi.org/10.1073/pnas.122653799

Glynn, M. A. (2017). Theorizing the identity–institution relationship: Considering identity as antecedent to, consequence of, and mechanism for, processes of institutional change. In R. Greenwood et al. (Eds), *The SAGE Handbook of Organizational Institutionalism*, (pp. 243-257). SAGE Publications Ltd,. https://doi.org/10.4135/9781446280669.n10

Guerrero, M., Fayolle, A., Guardo, M. C. Di, Lamine, W., & Mian, S. (2024). Re-viewing the entrepreneurial university: Strategic challenges and theory building opportunities. *Small Business Economics*, *63*(2), 527-548. https://doi.org/10.1007/s11187-023-00858-z

Guerrero, M., Siegel, D., Terjesen, S., Feldman, M., & Lockett, A. (2024). Assessing the impact of university innovation and entrepreneurial ecosystems: Managerial and policy implications. *Academy of Management Perspectives*, *38*(4), 441-452. https://doi.org/10.5465/amp.2024.0282

Guo, Z., & Jiang, W. (2020). Risk-taking for entrepreneurial new entry: Risk-taking dimensions and contingencies. *International Entrepreneurship and Management Journal*, *16*, 739-781. https://doi.org/10.1007/s11365-019-00567-8

Hommel, U., & King, R. (2013). The emergence of risk-based regulation in higher education: Relevance for entrepreneurial risk taking by business schools. *Journal of Management Development*, *32*(5), 537-547. https://doi.org/10.1108/02621711311328309

Kaniak, V. M. M., Severgnini, E., Ceni, J. C., & Teixeira, R. M. (2025). University entrepreneurship: The role of technology transfer office managers in the transformation towards an entrepreneurial culture. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0146. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250303x

Khorshid, S., & Mehdiabadi, A. (2021). Effect of organizational identification on organizational innovativeness in universities and higher education institutions of Iran, mediated by risk-taking capability. *European Journal of Innovation Management*, *24*(4), 1430-1458. https://doi.org/10.1108/EJIM-04-2019-0094

Lam, C. F., Lazzarini, S. G., & Stephens, J. P. (2025). Voices from the periphery: Barriers to publication in AMR and opportunities for inclusion. *Academy of Management Review*, *50*(1), 1-6. https://doi.org/10.5465/amr.2024.0570

Lazzarini, S. G. (2025). The strategic imperative: Do we need normative considerations in strategic theories of stakeholder engagement? *Strategy Science*, Advance online publication. https://doi.org/10.1287/stsc.2024.0254

Lopes, R. M. A. (2017). *Ensino de empreendedorismo no Brasil: Panorama, tendências e melhores práticas*. Alta Books Editora.

Luan, P. D. M. H., Quan, N. H., Sinh, B. T., Hanh, L. M., Minh, L. B. N., Nhi, T. T. A., Hong, D. X., Vu, T., Phuc, D. T., Dang, T. N., Toan, D. V., Hoc, L. H., Compagnucci, L., Phan, H., & Spigarelli, F. (2025). The transformation of public universities in Vietnam and their role in national innovation systems. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0126. https://doi.org/10.1590/S0034-759020250305

Madichie, N. O., & Gbadamosi, A. (2017). The entrepreneurial university: An exploration of "value-creation" in a non-management department. *Journal of Management Development*, *36*(2), 196-216. https://doi.org/10.1108/JMD-06-2016-0098

Marzi, G., Balzano, M., Caputo, A., & Pellegrini, M. M. (2025). Guidelines for bibliometric-systematic literature reviews: 10 steps to combine analysis, synthesis and theory development. *International Journal of Management Reviews*, *27*(1), 81-103. https://doi.org/10.1111/ijmr.12381

Meek, W. R., & Gianiodis, P. T. (2023). The death and rebirth of the entrepreneurial university model. *Academy of Management Perspectives*, *37*(1), 55-71. https://doi.org/10.5465/amp.2020.0180

Melchor-Duran, I. L., Cuero-Acosta, Y. A., Duarte, A. A. D., & Méndez, O. J. M. (2025). Entrepreneurship education and entrepreneurial intention in university: Themes and gaps research. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0213. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250307

Mikhailov, A., RUFFONI, J. P., PUFFAL, D. (2025). Industry, university and innovation: Understanding the relationship between universities' collaboration channels and firm´s innovation capability in Brazil. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, e2024-0182. http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020250310

Motta, V. F., & Galina, S. V. R. (2023). Experiential learning in entrepreneurship education: A systematic literature review. *Teaching and Teacher Education*, *121*, 103919. https://doi.org/10.1016/j.tate.2022.103919

O'Brien, E., M. Cooney, T., & Blenker, P. (2019). Expanding university entrepreneurial ecosystems to under-represented communities. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, *8*(3), 384-407. https://doi.org/10.1108/JEPP-03-2019-0025

Oliveira, M. D. M., Cahen, F. R., & Borini, F. M. (Eds.). (2019). *Startups and innovation ecosystems in emerging markets: A Brazilian perspective*. Springer International Publishing.

Prince, S., Chapman, S., & Cassey, P. (2021). The definition of entrepreneurship: Is it less complex than we think? *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, *27*(9), 26-47. https://doi.org/10.1108/IJEBR-11-2019-0634

Ribeiro, A. T. V. B., Jorge, R. R., Plonski, G. A., & Gibson, D. V. (2025). Entrepreneurial architecture: A comparison among Europe, United States and Latin America universities. *Canadian Journal of Administrative Sciences/Revue Canadienne des Sciences de l'Administration*, cjas.1776. Advance online publication. https://doi.org/10.1002/cjas.1776

Saxenian, A. (1996). *Regional advantage: Culture and competition in Silicon Valley and Route 128*. Harvard University Press.

Schwarz, G. M. (2012). The logic of deliberate structural inertia. *Journal of Management*, 38(2), 547-572. https://doi.org/10.1177/0149206309361206

Secundo, G., Vecchio, P. Del, Schiuma, G., & Passiante, G. (2017). Activating entrepreneurial learning processes for transforming university students' idea into entrepreneurial practices. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, *23*(3), 465-485. https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2015-0315

Thomas, E., Faccin, K., & Asheim, B. T. (2021). Universities as orchestrators of the development of regional innovation ecosystems in emerging economies. *Growth and Change*, 52(2), 770-789. https://doi.org/10.1111/grow.12442

Vedana, D., & Andreassi, T. (2025). A theoretical framework proposal for research and innovation opportunities in entrepreneurship education. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, *65*(3), e2024-0209. https://doi.org/10.1590/S0034-759020250302

Westhuizen, T. van der. (2023). Applying theory U through SHAPE to develop student's individual entrepreneurial orientation in a university ecosystem. In *Youth entrepreneurship: An ecosystem theory for young entrepreneurs in South Africa and beyond* (pp. 177-217). Springer.

Zárate, M. A., Reyna, C., & Alvarez, M. J. (2019). Cultural inertia, identity, and intergroup dynamics in a changing context. In *Advances in experimental social psychology* (Vol. 59, pp. 175-233). Elsevier.

Zilber, T. B. (2006). The work of the symbolic in institutional processes: Translations of rational myths in Israeli high tech. *Academy of Management Journal*, *49*(2), 281-303. https://doi.org/10.5465/amj.2006.20786073

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos revisores, aos autores e à equipe da *RAE* por tornarem possível o desenvolvimento desta edição.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os/as autores/as não têm conflitos de interesse a declarar.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Charles Kirschbaum: Conceitualização, curadoria de dados, análise formal; Investigação; Metodologia; Administração de projetos; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Daniel Paulino Teixeira Lopes: Conceitualização, análise formal, Investigação; Metodologia; Administração de projetos; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Kadígia Faccin: Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, Investigação; Metodologia; Recursos; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Gregory Pogue: Redação – revisão e edição.

Ricardo Reolon Jorge: Redação – revisão e edição.